

Título: Clube do Bolinha resiste

Veículo: O Globo

Editoria: Rio

Caráter: Off-line

Assunto: Ensino misto

Data: 28 de novembro de 2013

12 | O GLOBO

Rio

Quinta-feira 28.11.2013

MATRÍCULAS SUSPENSAS

Clube do Bolinha resiste

Abade do São Bento veta decisão que permitiria a entrada de meninas no colégio

FÁBIO TEIXEIRA
granderio@oglobo.com.br

Um dia depois de anunciar que passaria a aceitar meninas, o Colégio São Bento voltou atrás. Dom Filipe da Silva, abade do Mosteiro de São Bento, garantiu que a instituição não tomou uma decisão final sobre o tema. As discussões internas ainda estariam em curso, afirmou. Como um dos entraves, ele citou o prédio da escola, no Centro, que precisaria passar por obras de adaptação.

— A questão está em discussão já há bastante tempo, mas no momento não há confirmação disso, nem previsão de quando a mudança pode acontecer — afirmou dom Filipe.

O abade disse que as declarações dadas na terça-feira pela supervisora pedagógica do São Bento, Maria Elisa Pedrosa, de que a instituição planejava permitir a matrícula de meninas a partir de 2015, não corresponde à visão do colégio. Ele assegurou, no entanto, que não se opõe à entrada de garotas na instituição:

— Acho que há ganhos com a presença feminina, mas precisamos nos preparar, porque o colégio sempre foi voltado para receber meninos.

Dom Filipe, no entanto, confirmou que o São Bento está analisando a abertura de uma unidade na Barra da Tijuca, plano também anunciado por Maria Elisa na terça-feira. Segundo ele, há dois meses uma imobiliária apresentou ao colégio a proposta de abrir uma filial num condomínio de grande porte a ser erguido na região.

— É um projeto de uma quase cidade que vai surgir lá. Eles disseram que gostariam de ter uma unidade do São Bento integrando isso — contou o abade. — Há cerca de dois ou três anos, cheguei a proposta parecida de outro grupo, que descartamos logo de início.

ABADE JÁ ADMINISTROU ESCOLA MISTA

Dom Filipe não é estranho ao universo de escolas mistas. Por seis anos, ele foi o abade do Mosteiro de São Bento em Olinda, Pernambuco, e administrou o colégio São Bento de lá, onde estudam meninos e meninas. O prior do mosteiro de Olinda, dom Marcos Ferreira do Carmo, explicou que o abade é um homem reservado, mas aberto ao diálogo e que sempre busca o equilíbrio.

Dom Marcos não se lembra de ter ouvido do abade qualquer palavra contrária ao ingresso de meninas na escola de Olinda.

— Tenho a impressão de que ele não vê problemas nisso, porque o nosso colégio é misto e ele viveu essa proposta, essa realidade. Ele nunca falou nada contra, muito pelo contrário — afirmou.



Sem vagas para meninas. Alunos do São Bento jogam bola na quadra do colégio católico



Não. Dom Filipe vetou a presença feminina

Segundo dom Marcos, o abade de 51 anos é um grande administrador, que foi responsável por sanar as contas do mosteiro em Olinda.

Há 17 anos fiscal da portaria do Colégio São Bento de Olinda, Dário Nunes, de 43 anos, também afirmou que dom Filipe foi responsável por melhorar a administração da instituição:

— Ele colocou os pagamentos em dia para todos os funcionários. É uma pessoa muito humilde e sensata, de poucas palavras, mas capaz de captar, em um olhar, o seu problema.

Dom Filipe assumiu o ofício de abade do São Bento no Rio em 1º de dezembro do ano passado. Formado em Estudos Sociais, foi por vários anos funcionário da Secretaria de Agricultura do estado de Alagoas. Ele ingressou como postulante no mosteiro do Rio em fevereiro de 1988. ●

NA CONTRAMÃO

Ensino misto se impôs nos anos 70

Colégios do Rio consideram que transição foi positiva

THAIS LOBO
thais.lobo@oglobo.com.br
THIAGO JANSEN
thiago.jansen@oglobo.com.br

O São Bento continua na contramão de outras instituições que, entre as décadas de 1970 e 1990, fizeram a migração para o ensino misto, como os colégios Militar, Sion, **Sacré-Coeur de Marie**, Teresiano, Santa Marcelina e Padre Antônio Vieira. Essas instituições reconhecem os benefícios de abrir as turmas a ambos os sexos e contam que a adaptação foi muito além de obras em banheiros e contratação de monitores.

O Sion, no Cosme Velho, aceita meninos desde 1971. Para a diretora pedagógica, Sandra Calvet, foi uma forma de colocar em prática as mudanças da sociedade.

— O ser humano tem uma natureza gregária, independentemente de sexo, religião ou classe social. Se a escola fica restrita a um único sexo, impede que o aluno tenha contato com outras vivências — diz Sandra, ressaltando que os desafios não se restringem às instalações físicas. — O currículo no fim da década de 1970 passou a incluir matérias profissionalizantes, então escolhemos temas que contemplassem ambos os sexos. Tínhamos aula de tradução e intérprete, mas também de técnico de laboratório.

No Colégio Teresiano, na Gávea, o ensino misto foi adotado em 1978 — antes, eram só meninas. Vice-dire-

tora da instituição, Ângela Correa trabalhava no colégio há três anos quando a mudança ocorreu. Ela conta que o processo de preparo e reflexão sobre a aceitação de meninos durou cerca de dois anos e incluiu funcionários, alunos e pais de estudantes.

Toda transição, porém, tem desafios. O **Sacré-Coeur**, em Copacabana, passou a aceitar meninos em 1972, mas a entrada deles ocorreu aos poucos, pois havia o estigma da instituição feminina.

— No início da década de 1970, o pai de um menino matricular o filho numa escola antes restrita a meninas era uma quebra de paradigma — conta Rosana Vianna, diretora pedagógica do colégio. — Hoje, essa transição é muito mais tranquila. As pessoas estão acostumadas a conviver em locais com variedade de gêneros.

O Colégio Militar, desde sua fundação restrito a garotos, passou a aceitar meninas em 1989, ano de seu centenário.

Para a professora e pesquisadora da UFRJ Ana Canen, a transição para o ensino misto, principalmente na década de 1970, deveu-se à abertura política no país e ao fortalecimento de teorias pedagógicas mais críticas às relações de poder e à imagem estereotipada da mulher:

— Isso implica submeter os alunos a uma pluralidade que nos constitui como sociedade e evitar um ambiente artificial dentro das escolas — diz Ana, que não atribui o sucesso do São Bento ao ensino restrito a meninos, e sim a um trabalho pedagógico cuidadoso. ●

NO TABLET
O GLOBO A MAIS

Reportagem publicada na revista digital